

O MEU ENCONTRO COM EDUARDO MONDLANE¹

François Houtart

(Director do Centre Tricontinental, Louvain-La-Neuve)

Foi por ocasião da conferência de Cartum, em 1969, que encontrei pela primeira e última vez Eduardo Mondlane. Esta conferência, destinada a apoiar a luta dos movimentos de libertação das colónias portuguesas, tinha sido organizada em paralelo com a reunião do organismo para a solidariedade com os povos da Ásia e da África, que decorrera no Cairo alguns dias antes. Isto permitia aos delegados a esta primeira reunião deslocarem-se à outra sem custos demasiado elevados.

Na sequência do meu engajamento na luta contra a guerra do Vietname, a senadora comunista belga, Isabelle Blum, com quem participara em numerosos encontros de oposição à guerra, convidou-me a participar na conferência de Cartum.

Alguns dias antes, deslocara-me a Lisboa onde tinha encontrado Joaquim de Andrade de Angola que, na época, estava sob prisão domiciliária em Portugal. Eu sabia que ia encontrar, em Cartum, Mário de Andrade, seu irmão, membro do MPLA. Por causa da vigilância policial não era fácil encontrar Joaquim. Aproveitei o facto de ele rezar a missa todas as manhãs numa paróquia de Lisboa para fazer o mesmo e encontrá-lo na sacristia. Com a cumplicidade do padre local, pudemos conversar numa sala do presbitério. No dia seguinte, fiz a mesma operação para que ele me pudesse entregar o correio.

¹ Tradução do francês de Hélder Ossemane.

A propósito da participação a esta conferência de ordem política, eu tinha-me posto algumas questões. Sendo padre católico, não desejava misturar religião e política de maneira ambígua. Com efeito, não podia, de forma alguma, colaborar com uma possível manobra de recuperação por parte de uma igreja conservadora aliada ao poder português. Por outro lado, também não se tratava de me ligar ao futuro político destes países para recriar o poder eclesiástico nas novas sociedades. E, o que estava claro no meu espírito, devia sê-lo também para todo o mundo.

Antes de partir, tinha, portanto, reflectido muito sobre o sentido de uma tal diligência. Tornara-se claro a meus olhos que a causa da libertação das colónias portuguesas não era apenas um problema político e económico, mas igualmente uma questão de ética. Era pois um dever para um cristão tomar partido pela libertação destes povos, mesmo se os partidos portadores deste projecto se afirmavam, oficialmente, de um marxismo ateu. Aliás, eu ia descobrir em breve que, como na América Latina, numerosos crentes estavam engajados nestas lutas e mesmo nestes partidos, sem que, por isso, tivessem perdido as suas convicções religiosas. Existia, portanto, uma certa distância entre uma teoria, às vezes transformada em dogma, e uma prática na vida concreta.

Nos anos que se seguiram, o trabalho de pesquisa, de ensino e de formação que pude realizar na Nicarágua, em Cuba, no Haiti e em outros países latino-americanos, permitiram-me perceber uma séria evolução, a nível mesmo das posições teóricas, dos partidos marxistas. Decidi, portanto, ir a Cartum, mesmo se a minha qualidade de padre católico não era necessariamente o melhor passaporte para entrar nos meios dos movimentos de libertação.

As reuniões de Cartum foram o começo de profundas amizades com numerosos responsáveis e dirigentes dos movimentos de libertação. Graças a Mário de Andrade, fui apresentado a Amílcar Cabral, Agostinho Neto e Eduardo Mondlane. Com Amílcar Cabral, mantive uma correspondência até pouco antes da sua morte e, participando na cerimónia do décimo aniversário do seu assassinato, em Praia, Cabo-Verde, fui convidado a pronunciar o discurso final, num seminário que fora inaugurado pelo ex-presidente do Senegal Léopold Senghor.

Os contactos com Agostinho Neto foram íntimos e pessoais até pouco antes da sua morte. Alguns meses antes desta, a seu convite, por ocasião das festas de fim do ano, passei, no seio da sua família, perto de duas semanas em Angola. No Centro Tricontinental em Louvain-La-Neuve, há uma magnífica pele de zebra sobre o muro de entrada, oferta de Agostinho. Fiquei desde esta época, em contacto epistolar regular com a sua viúva Eugénia.

Foi portanto nesta ocasião que encontrei também Eduardo Mondlane. Tinha ficado impressionado com as suas intervenções durante as reuniões e com a sua visão a longo termo dos acontecimentos. Para ele, estava claro que a luta imediata, as suas estratégias, as suas modalidades de realização, eram apenas momentos históricos que deveriam um dia ser ultrapassados. A sua experiência internacional, especialmente graças à sua pertença a uma Igreja cristã protestante, permitiam-lhe abordar esta dimensão dos problemas.

Tendo tido conhecimento de que eu era padre, Eduardo Mondlane perguntou-me se podíamos conversar no último dia da conferência. Foi assim que jantámos juntos e que nos reunimos durante uma boa parte da noite, na véspera da sua partida e praticamente dois ou três dias antes do seu assassinato.

Sendo protestante, ele estava preocupado com a questão religiosa e particularmente com o seu futuro num Moçambique livre. É preciso, com efeito, lembrar-se que a maioria dos cristãos em Moçambique era católica e que, segundo a concordata, nenhum bispo podia ser nomeado sem a aprovação do governo colonial português. Daí resultava uma atitude da hierarquia católica muito favorável ao regime português. Ela utilizava praticamente a mesma linguagem que o governo fascista quando se tratava da luta pela emancipação do povo. Com efeito, os bispos tinham a nacionalidade portuguesa e o exército colonial tinha os seus capelães.

A igreja católica, no entanto, não era monolítica em Moçambique. Assim, o bispo de Nampula, Vieira Pinto, tomou as suas distâncias e criticou o governo colonial, a ponto de ser expulso pelo governo português. Os Padres brancos, os missionários combonianos tomaram posições nitidamente a favor da libertação nacional e foram também expulsos. Numerosos católicos militavam igualmente em organizações próximas dos movimentos de libertação ou mesmo dentro destes últimos.

Para Eduardo Mondlane, a atitude oficial da igreja católica entrava em contradição com os valores do evangelho. Para além disso, problemas de ética concretos e imediatos colocavam-se face a uma guerra não apenas cruel, mas conduzida com meios que contradiziam o que se chamava “ o direito da guerra ”, isto é, a tortura e as atrocidades. Isso chocava-o profundamente e, naquela noite , ele exprimiu-se muito livremente, mas com convicção. Lembro-me ainda da sua pergunta: “ A Igreja católica sabe o que faz? ”.

É verdade que os cristãos protestantes nas colónias portuguesas pertenciam a Igrejas que nem sequer estavam tão ligadas ao poder quanto a Igreja católica. Algumas delas tinham sido

perseguidas pelo regime. Outras estavam mais ou menos acomodadas, mas sempre lutando pela sua autonomia. Os protestantes encontravam-se portanto objectivamente numa situação de maior liberdade em relação ao regime colonial e, por conseguinte, mais susceptíveis de adoptar uma atitude crítica. É interessante notar que os dois dirigentes dos principais movimentos de libertação das colónias portuguesas, Eduardo Mondlane e Agostinho Neto, provinham de meios protestantes.

No entanto, as preocupações de Mondlane ultrapassavam a pertença específica a uma denominação cristã determinada. Ele sentia-se implicado com o futuro de Moçambique e com o bem cultural e espiritual da sua população. *Que apoio espiritual o povo católico encontrará após a revolução?*, perguntava. O clero está muito mal preparado. A ideologia fundamental do catolicismo é reaccionária. Inevitavelmente, os movimentos revolucionários não podem suportar a hostilidade de nenhuma instituição, seja ela qual for, durante a luta. Quanto ao regime que sairá da revolução, ele terá de se construir sobre bases novas e não poderá, de forma alguma, admitir uma sabotagem ideológica ou institucional de quem quer que seja. Eduardo Mondlane via claro e, nesta matéria, a sua perspicácia política ia de encontro à sua preocupação espiritual.

Ele acrescentou ainda: *Que pode fazer a Santa-Sé em relação à Igreja local de Portugal?*. Era difícil responder a esta questão dada a opacidade das relações reais entre a Santa-Sé e a Igreja local de Portugal. A minha resposta foi portanto reconhecer a aparente cumplicidade da Santa-Sé com a atitude da hierarquia portuguesa. Isso não queria dizer que o conjunto dos católicos estivessem de acordo com esta linha política. Numerosas vozes começavam a ouvir-se no interior da Igreja e mesmo no clero, para sublinhar a injustiça fundamental desta atitude. Alguns meses mais tarde, quando o Papa Paulo VI visitou Portugal e

especialmente Fátima, grupos de católicos reagiram na Europa. Tendo escrito um artigo sobre este assunto, eu mesmo fui repreendido através de um comunicado público do Cardeal belga Monsenhor Suenens que não admitia que se dirigisse daquela maneira ao sumo pontífice. Apesar disso, ele era um homem suficientemente informado e aberto para ser crítico em relação à atitude da Igreja portuguesa.

Era preciso, portanto, lutar no interior da Igreja para provocar uma mudança. Foi o que fizeram bispos, como o de Nampula, e missionários como os Padres brancos ou os combonianos. Disso resultou uma mudança progressiva de atitude por parte da Santa-Sé. Foi assim que Paulo VI recebeu de maneira não-oficial, três dos dirigentes dos movimentos de libertação: Agostinho Neto do MPLA, Amílcar Cabral do PAIGC e Marcelino dos Santos da FRELIMO.

Terminando a conversa, Eduardo Mondlane pediu-me para agir no interior da Igreja para fazer mudar as atitudes. É certo que, na qualidade de homem político, ele via na Igreja Católica uma instituição poderosa pondo um freio à luta de libertação que, por isso, era necessário neutralizar ou fazer evoluir. Mas, na sua mente, isso ia muito mais longe. Ele estava convencido de que, após a revolução, seriam necessárias instâncias espirituais e morais que pudessem servir de referência a um povo em busca de novos valores. Se o catolicismo, religião maioritária entre os cristãos, não jogasse este papel, o futuro cultural e mesmo político de Moçambique corria riscos de se ressentir disso.

De regresso à Europa, tomei conhecimento do assassinato de Eduardo Mondlane e fiquei profundamente transtornado. Não sei se fui o último a passar uma noite descontraída com ele, mas isso não é impossível. A sua recordação, as suas preocupações pelo futuro, a sua dimensão espiritual e a sua determi-

nação política foram para mim uma inspiração no trabalho de solidariedade com os movimentos de libertação pelo mundo fora. Após essa conversa, eu não tive mais nenhuma hesitação face a um engajamento claro e determinado a favor dos movimentos de libertação, que pude continuar em seguida, não apenas em África, mas também na Ásia, no médio Oriente e na América Latina, em particular na Nicarágua onde, uma quinzena de anos mais tarde, eu viria a partilhar com tantos outros cristãos a afirmação segundo a qual *entre cristianismo e revolução não há contradição*.